



LISTA DE EXERCÍCIOS DE RECUPERAÇÃO – 2º TRIMESTRE

PRODUÇÃO DE TEXTO

ALUNO(a): _____

Nº: _____ TURMA: _____ 8º ANO

UNIDADE: VV JC JP PC DATA: ___/___/2019

Valor:
15,0

OBS.: Esta lista deve ser entregue resolvida no dia da prova de Recuperação.

A GRAMA DO VIZINHO

Martha Medeiros

Ao amadurecer, descobrimos que a grama do vizinho não é mais verde coisíssima nenhuma. Estamos todos no mesmo barco.

Há no ar certo queixume sem razões muito claras.

Converso com mulheres que estão entre os 40 e 50 anos, todas com profissão, marido, filhos, saúde, e ainda assim elas trazem dentro delas um não-sei-o-quê perturbador, algo que as incomoda, mesmo estando tudo bem.

De onde vem isso? Anos atrás, a cantora Marina Lima compôs com o seu irmão, o poeta Antonio Cícero, uma música que dizia: “Eu espero/ acontecimentos/ só que quando anoitece/ é festa no outro apartamento”.

Passei minha adolescência com esta sensação: a de que algo muito animado estava acontecendo em algum lugar para o qual eu não tinha convite. É uma das características da juventude: considerar-se deslocado e impedido de ser feliz como os outros são, ou aparentam ser. Só que chega uma hora em que é preciso deixar de ficar tão ligada na grama do vizinho.

As festas em outros apartamentos são fruto da nossa imaginação, que é infectada por falsos holofotes, falsos sorrisos e falsas notícias. Os notáveis alardeiam muito suas vitórias, mas falam pouco das suas angústias, revelam pouco suas aflições, não dão bandeira das suas fraquezas, então fica parecendo que todos estão comemorando grandes paixões e fortunas, quando na verdade a festa lá fora não está tão animada assim. Ao amadurecer, descobrimos que a grama do vizinho não é mais verde coisíssima nenhuma. Estamos todos no mesmo barco, com motivos pra dançar pela sala e também motivos pra se refugiar no escuro, alternadamente.

Só que os motivos pra se refugiar no escuro raramente são divulgados.

Pra consumo externo, todos são belos, sexys, lúcidos, íntegros, ricos, sedutores.

“Nunca conheci quem tivesse levado porrada/ todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo”.

Fernando Pessoa também já se sentiu abafado pela perfeição alheia, e olha que na época em que ele escreveu estes versos não havia esta overdose de revistas que há hoje, vendendo um mundo de faz-de-conta. Nesta era de exaltação de celebridades – reais e inventadas – fica difícil mesmo achar que a vida da gente tem graça. Mas, tem. Paz interior, amigos leais, nossas músicas, livros, fantasias, decepções e recomeços, tudo isso vale ser incluído na nossa biografia. Ou será que é tão divertido passar dois dias na Ilha de Caras fotografando junto a todos os produtos dos patrocinadores? Compensa passar a vida comendo alface para ter o corpo que a profissão de modelo exige? Será tão gratificante ter um paparazzo na sua cola cada vez que você sai de casa? Estarão mesmo todos realizando um milhão de coisas interessantes enquanto só você está sentada no sofá pintando as unhas do pé? Favor não confundir uma vida sensacional com uma vida sensacionalista.

As melhores festas acontecem dentro do nosso próprio apartamento.

Disponível em: <http://www.refletirpararefletir.com.br/4-chronicas-de-marthamedeiros>.

- Segundo a estrutura composicional do texto acima, podemos afirmar que temos um exemplo do gênero
 - artigo de opinião.
 - editorial.
 - crônica.
 - parábola.
 - anedota.
- Em conversa com o pai, na tira a seguir, Calvin busca persuadi-lo, recorrendo à estratégia argumentativa de



Disponível em: <http://arquivo-x.webnode.com>. Acesso em: 5 dez. 2012.

- mostrar que um bom trabalho como pai implica a valorização por parte do filho.
- apelar para a necessidade que o pai demonstra de ser bem-visto pela família.
- explorar a preocupação do pai com a própria imagem e popularidade.
- atribuir seu ponto de vista a terceiros para respaldar suas intenções.
- gerar um conflito entre a solicitação da mãe e os interesses do pai.

Texto 1

A casa era edificada com a arquitetura simples e grosseira, que ainda apresentam as nossas primitivas habitações; tinha cinco janelas de frente, baixas, largas, quase quadradas.

Do lado direito estava a porta principal do edifício, que dava sobre um pátio cercado por uma estacada, coberta de melões agrestes. Do lado esquerdo estendia-se até à borda da esplanada uma asa do edifício, que abria duas janelas sobre o desfiladeiro da rocha.

No ângulo que esta asa fazia com o resto da casa, havia uma coisa que chamaremos jardim, e de fato era uma imitação graciosa de toda a natureza rica vigorosa e esplêndida, que a vista abraçava do alto do rochedo.

José de Alencar, *O Guarani*. São Paulo, Ática, 1992.

Texto 2

Subitamente um cavalheiro aproximou-se do assaltante com um palmo de sorriso. Colocou-se entre ele e a moça.

– Batista, você! Há quanto tempo! Ainda esta semana conversei com seu tio no supermercado! Me dê um abraço, amigão! Mas, o que é isso? Vai sair por aí com esse baú cheio de dinheiro? Não tem medo de ladrões, não?

Batista olhou para o chão mas não viu buraco algum para esconder-se.

A caixa, sorrindo, ao amigo dele:

– Seu Batista não vai sair com esse dinheiro, não; ele veio depositar...

Marcos Rey, *O coração roubado e outras crônicas*. Coleção para gostar de ler, v. 19. São Paulo. Ática, 1996.

3. Os textos 1 e 2 são exemplos, respectivamente, de

- linguagem coloquial e linguagem culta.
- linguagem culta e linguagem coloquial.
- linguagem culta e linguagem formal.
- linguagem familiar e linguagem informal.
- linguagem coloquial e linguagem formal.

Texto para as duas próximas questões:

Fiu-fiu

Luis Fernando Veríssimo

Existe coisa mais melancólica do que uma mesa de quatro pessoas, num restaurante, em que três estão dedilhando seus smartphones e uma está falando sozinha?

Lançaram agora um celular à prova d'água, que você pode usar no chuveiro. Ou em qualquer outro lugar embaixo d'água. No mar, por exemplo.

– Bem, não me espere para o jantar...

– Onde você está?

– Sabe a nossa pesca submarina?

– O que houve?

– Pensei que fosse uma garoupa e era um tubarão. E ele está vindo na minha direção.

– Você ainda está embaixo d'água?!

– Estou.

– E o seu arpão?

– O tubarão engoliu!

– Ligue para a Guarda Costeira!

São cada vez mais raros os lugares em que você pode se ver livre de celulares, e agora nem as piscinas estão seguras.

Os celulares são práticos e se tornaram indispensáveis, eu sei, mas empobreceram a vida social. Existe coisa mais melancólica do que uma mesa de quatro pessoas, num restaurante, em que três estão dedilhando seus smartphones e uma está falando sozinha? Ou um casal em outra mesa, os dois mergulhados nos respectivos celulares sem nem se olharem, o que dirá se falarem – a não ser que estejam trocando mensagens silenciosas entre si, o que é ainda mais triste.

Os celulares podem ser perigosos de várias maneiras, mesmo que não derretam o cérebro, como se andou espalhando há algum tempo. Imagino uma velhinha que ganhou um celular dos netos sem que estes se dessem ao trabalho de explicar seu funcionamento para a vovó. Não contaram, por exemplo, que o celular dado assobia quando recebe uma mensagem. É um assovio humano, um nítido fiu-fiu avisando que alguém ligou, e que pode soar a qualquer hora do dia ou da noite. E imagino a vovó, que mora sozinha, dormindo e, de repente, acordando com o assovio. Um fiu-fiu no meio da noite! A vovó, se não morrer imediatamente do coração, pode ficar apavorada. Quem está lá? Um ladrão ou um fantasma assoviador? E o assovio tem algo de galante. A vovó pode muito bem sair da cama, sem saber se está acordada ou sonhando, e caminhar na direção do fiu-fiu sedutor, como se tivessem vindo buscá-la. Alguém pensou nas vovós solitárias quando inventou o assovio?

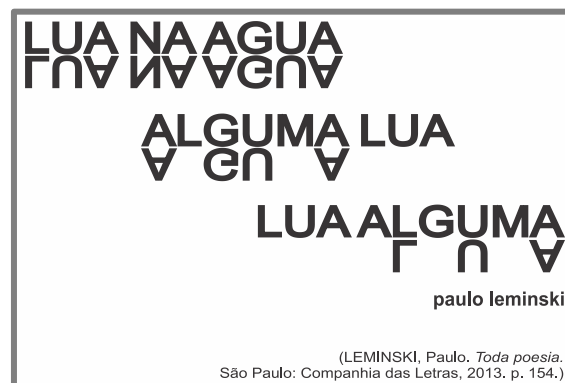
O fato é que não há mais refúgio. Nem castelos anti-smartphones com um fosso em volta. Eles agora podem atravessar o fosso.

Jornal *O Globo*, 03/08/2014. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/opiniaofiu-fiu-13464128>>.

4. A qual gênero pertence o texto acima? Justifique sua resposta.

5. No texto de Veríssimo, o título chama a atenção para uma expressão, usada ao final, em uma exemplificação que
- dá suporte à argumentação, mostrando que os celulares podem causar problemas.
 - apoia a argumentação do autor: velhinhas costumam não reconhecer o toque do celular.
 - não tem relação com a argumentação, não está entre os aspectos negativos ligados ao uso dos celulares.
 - poderia ser descartada, pois não tem relação com ideias de solidão e indiferença, marcadas antes no texto.
 - apoia a ideia de que, apesar de imprescindíveis na vida moderna, devemos ter cuidado com os celulares nas mãos de idosos.

Observe o seguinte poema de Paulo Leminski, do livro *Caprichos & relaxos*, reunido em *Toda poesia*.



6. Analisando as suas características, podemos afirmar que o poema é
- romântico.
 - surreal.
 - antigo.
 - visual.
 - realista.

Texto para as duas questões seguintes.

Jovem escritora “quase” famosa

Catarinense de 21 anos é a verdadeira autora de texto que correu mundo como se fosse de Luis Fernando Verissimo

Felipe Lenhart

Quem usa o correio eletrônico com frequência já pode ter recebido um texto que começa com a frase “Ainda pior que a convicção do não e a incerteza do talvez é a desilusão de um quase” e é assinado por um certo Luis Fernando Verissimo. Os erros de ortografia e acentuação no nome do cronista denunciam a falsa autoria. De fato, quem redigiu a crônica *Quase*, que rodou o mundo com o “selo de qualidade” do escritor gaúcho e acabou em uma antologia de prosa e versos brasileiros traduzidos para o francês, foi a florianopolitana Sarah Westphal Batista da Silva, 21.

A garota, que foi publicada em um livro na França em meio a textos de Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e outros craques, só que com o nome de Verissimo, mora na Capital, estuda Medicina em Blumenau e gostaria mesmo é de passar o resto da vida escrevendo.

– Não sou muito de ler, não. Como também não vejo televisão, fico meio alienada. Mas o tipo de literatura de que gosto é bem o do Verissimo, como em *As Mentiras que os Homens Contam* – afirma.

O périplo de seu texto começou em abril de 2002, numa sala de aula em Florianópolis. E a “inspiração” para a escrita não foi das melhores: “um grande fora” de um rapaz com quem ficava havia três semanas. No dia seguinte à separação, durante uma aula de Português no cursinho, a professora escreveu no quadro a transcrição fonética da palavra quase: /kwaze/.

– Na hora em que olhei aquilo escrito no quadro-negro pensei: “meu Deus! eu odeio esta palavra!” – afirma.

Um segundo depois, pôs-se a escrever a crônica “Quase”, como um desabafo e para expurgar a palavra maldita. Afinal, quase houvera um namoro, quase tudo dera certo. Terminado o texto, Sarah passou o caderno às amigas, que leram e gostaram. Um mês depois, encorajada por elogios, deu o mesmo caderno para o professor de redação ler a crônica em voz alta para a turma. Foi um sucesso. As pessoas começaram a pedir o texto. Sarah o enviou por e-mail. A partir daí, não se sabe mais nada.

– O que eu sei é que um ano depois, mais ou menos, uma amiga apareceu lá em casa com o texto com a assinatura do Verissimo! Achei aquilo esquisitíssimo. Em seguida, um monte de gente veio dizer que tinha recebido um e-mail com o “Quase” assinado pelo Verissimo – afirma.

Sarah conta que ficou envergonhada, pois, depois de um certo tempo, já não gostava mais do texto e não o achava digno de um escritor do talento de Luis Fernando Verissimo. Hoje, mantém a opinião, com arroubos de autocritica, apesar do elogio que o próprio cronista fez à redação na coluna do dia 24 de março.

– Acho o texto primário, previsível e o fim é meio brega. O português é muito caseiro, breguinha. Mas, quando o escrevi, fez muito sentido para mim. Era muito bonito – diz Sarah.

Certo dia, entrou na comunidade do escritor gaúcho no *Orkut* e viu o relato de uma leitora. A internauta dizia que só passara a acompanhar Verissimo na imprensa depois de ter lido o “Quase”. Sarah respondeu ao comentário afirmando ser ela a autora do texto. A maioria não acreditou.

O fato é que ela já nem liga mais por não receber os elogios do famoso texto. Há poucos meses, caiu-lhe em mãos o diploma de formatura de 2004 do antigo colégio, o mesmo em que tempos atrás escrevera “Quase”. A crônica estava impressa no diploma, com a assinatura de Verissimo.

– O pior é que continuo encalhada. Eu já poderia ter escrito uma Bíblia sobre os foras que já recebi – brinca.

Disponível em <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Acesso em: 05 set. 2013.

7. No texto, qual é o principal objetivo do autor?

8. As aspas foram, no texto acima, empregadas para separar trecho em discurso direto. Transcreva uma passagem da crônica **Jovem escritora “quase” famosa** que justifique tal afirmação.

9. Explique a diferença entre o texto narrativo e o argumentativo e justifique sua resposta.

10. O que são poemas visuais?
